

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2013



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria da Educação

# LEITURA: AMPLIANDO OS HORIZONTES DE EXPECTATIVAS

Renilce Aparecida Iurkiv<sup>1</sup>

Alice Atsuko Matsuda<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem a intenção de apresentar o resultado de uma pesquisa-ação do PDE, aplicada no Colégio Estadual Lindaura Ribeiro Lucas, em São José dos Pinhais, no segundo semestre de 2014. O projeto teve por objetivo sugerir uma metodologia a fim de incentivar o gosto pela leitura, nos alunos do 9º ano, por meio da aplicação do Método Recepcional, organizado por Bordini e Aguiar (1993), para despertar nos alunos o interesse e o desejo de ler por iniciativa própria, aumentando e transformando os seus horizontes de expectativas. Os pressupostos teóricos para fundamentar a pesquisa foram a teoria da Estética da Recepção e o Método Recepcional. Verificou-se que após a implementação, os alunos demonstraram maior interesse em ler por iniciativa própria, conseguindo atribuir sentido à leitura.

**Palavras-chave:** Leitura. Estética da Recepção. Método Recepcional.

**ABSTRACT:** Abstract: This article intends to present the results of a PDE action research, applied in Lindaura Ribeiro Lucas State School, in São José dos Pinhais, in the second half of 2014. The project aimed to suggest a methodology to encourage a love of reading in students from 9th grade through the application of Receptional method, organized by Bordini and Aguiar, to arouse students' interest and the desire to read on their own, increasing and turning their horizons of expectations. The theoretical background to support the research were the theory of Aesthetics of Reception and the Receptional method. It was found that after implementation, the students showed more interest in reading on their own, managing to assign meaning to read.

**Keywords:** Reading. Reception aesthetics. Receptional method.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo relata a implementação do projeto - **Leitura: ampliando os horizontes de expectativas**, desenvolvido com alunos do 9º ano, do Ensino Fundamental, do Colégio Lindaura Ribeiro Lucas, em São José dos Pinhais, Paraná, como parte do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná.

O principal objetivo foi o de incentivar a leitura, nos alunos do 9º ano, por meio da aplicação do Método Recepcional, ampliando os seus horizontes de expectativas e despertando nos alunos o interesse e o desejo de ler por iniciativa própria, tornando-se um leitor competente.

---

<sup>1</sup>SEED - Paraná – PDE-2013

<sup>2</sup>UTFPR - Curitiba

Sabemos que a importância da leitura na formação do ser humano é unânime e indiscutível. A formação de leitores tem sido a preocupação por parte de pais e educadores, como também tem se constituído em objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento nos últimos tempos.

O processo de formação do leitor é contínuo, incessante e até mesmo interminável. Pensando nisto e na complexidade que envolve a leitura, tem-se a necessidade de uma metodologia que sirva de suporte para a prática escolar, que favoreça a interação e as discussões acerca dos encontros entre alunos e a obra literária, sem exigir memorização de aspectos envolvidos à obra.

Neste trabalho foi aplicado o Método Receptional organizado pelas professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), já que essa é a metodologia sugerida para trabalhar com a literatura nas Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná de Língua Portuguesa.

No Brasil, segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro para o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), o percentual da população alfabetizada foi de 61% em 2001, para 73% em 2011, mas apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, de escrita e de matemática. A proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterado em relação à última pesquisa, em torno de 25%. Segundo Saveli (2006, p.1130):

Ler é mais do que operar uma decodificação de palavras e de frases, é participar das representações do autor do texto lido e mergulhar em representações equivalentes. Vale mais dizer, ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir, como dizia Paulo Freire, a conexão entre o texto e o contexto do texto e também vincular o texto/contexto ao contexto leitor.

Notamos pelas palavras do autor que a leitura deve ser produção de significados e é essa produção de significados, essa interação entre autor e leitor que ultrapasse a simples decodificação que a escola não está conseguindo promover.

De acordo com Silva (1985, p. 35), “para que o hábito da leitura se desenvolvesse seria necessário que as famílias e as escolas brasileiras permitissem o acesso ao livro.” Infelizmente, hoje, a maioria das famílias vê a aquisição de livros mais como despesa do que como investimento. Para as crianças se tornarem

leitoras é preciso que tenham contato com o livro desde cedo, que folhem e se familiarizem com o seu formato, cores e formas. Também é importante a demonstração de interesse por parte dos pais nas atividades desenvolvidas pelos filhos, incentivando-os a continuarem sua descoberta.

A família tem responsabilidade na formação do leitor, pois é ela que proporciona as primeiras experiências, é o espelho para a criança. Se a criança crescer em um ambiente em que a leitura é valorizada, se sentirá atraída por essa prática.

Ao apresentar sua concepção a respeito do ato de ler, Freire (2012, p.14) afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir a continuidade daquela (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo do que estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra, estarei de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, como cita o autor, os textos deverão ter relação com a realidade em que a criança vive para que ela sintase instigada a ler. Mais uma vez o papel do professor é determinante para saber conduzir esse processo.

Conforme reforçam as DCEs (2008, p.71), “ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais: jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, literária, publicitária, entre outras”[...] . E cabe à escola tornar essa familiarização possível, estabelecendo relações entre esses diversos tipos de textos e o contexto do aluno.

As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná (DCEs) nos mostram que o conteúdo estruturante é o discurso como prática social e o texto deve ser um elo de interação social entre o aluno e seu entorno (comunidade onde vive e atua) e não um pretexto para responder questões que foram formuladas e sem que soubesse para que os alunos devessem aprender aquele conteúdo.

Cabe à escola criar oportunidades para que os alunos descubram o prazer da leitura e da escrita. É preciso que a escola ensine seus alunos a superar as dificuldades de compreensão e a ler proficientemente. Para isso faz-se necessária

substituir a ideia de leitura como decodificação pela concepção da leitura ligada à construção de significados múltiplos, como atividade polissêmica e individual.

O professor tem um papel muito importante na formação de leitores, ele deve ser o promotor do encontro dos alunos com a leitura e estabelecer uma relação de desejo: o prazer de ler. O professor deve levar os seus alunos a estabelecer relações com outros textos já lidos, atribuir-lhes vários sentidos, contextualizar com a realidade, expressando sua opinião a respeito da ideia apresentada. Assim, contribuirá para formar um leitor competente e crítico cuja compreensão ultrapasse a mera decodificação, percebendo os elementos implícitos nas entrelinhas do texto.

A leitura é um ato que também depende de estímulo e motivação. A prática da leitura é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e um deflagrador do sentimento e opinião crítica do indivíduo.

Portanto, percebemos que é o professor o grande responsável pela leitura e escrita na escola e este só conseguirá formar um leitor crítico se também for leitor. Segundo Silva, (2003, p.19) “Sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja, leitura e leitores assíduos e maduros”.

Ler é um bom começo na vida de qualquer pessoa. Além de dar prazer é um caminho que ajuda a melhorar o cidadão: aprimora o conhecimento geral, oferece subsídios para refletir sobre o mundo e a condição humana. A leitura favorece o desenvolvimento de ideias próprias, conceitos e valores.

Para Soares (2000, p.18): “Leitura não é um ato solitário, é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros” (...).

No artigo A Leitura no Brasil: sua história e suas instituições, (2013), Zilberman diz que “A leitura se concretiza como uma prática que se exerce individualmente, mas que resulta da concepção que a sociedade formula para as classes e as pessoas que a compõe” [...].

Ainda segundo a autora, a escola constitui o espaço por excelência de aprendizagem, valorização da literatura e da escrita no mundo capitalista. Para ela, a história da leitura consiste na história das possibilidades de ler. A atividade da escola somada à difusão da escrita enquanto forma socialmente aceita de circulação de bens e à expansão dos meios de impressão facultada a existência de uma sociedade leitora.

O professor tem consciência quanto à necessidade de desenvolver em seu aluno o gosto pela leitura. No entanto, falta-lhe uma intenção pedagógica bem definida, com planejamento e meios para alcançá-lo: o estudo das teorias existentes sobre leitura, a adoção de um método de ensino cujos pressupostos filosóficos estejam de acordo com a concepção que o professor tem de aluno leitor. Dessa maneira, o seu repertório não ficaria limitado e estagnado, o que o leva a reproduzir mecanicamente sempre as mesmas práticas de leitura junto aos seus alunos. Conforme Bordini e Aguiar (1993, p.33):

Os professores apesar de visarem à formação do hábito de leitura e o desenvolvimento do espírito crítico, não oferecem atividades nem utilizam recursos que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, a criatividade ou a tomada de posição embora arrolem esses tópicos em seus critérios de aproveitamento escolar.

As autoras ainda citam que os professores querem incentivar posturas críticas e participantes da realidade social, valendo-se de atividades repetitivas e satisfazendo-se com a simples leitura dos textos solicitados reveladas através de discussões, redações ou fichas de leitura.

Marisa Lajolo aponta que as teorias de Literatura que existem contribuem pouco para a prática da leitura, mas têm influenciado muito na leitura escolar:

Sua influência, na leitura escolar, traduz-se, por exemplo, em inspirar roteiros ou atividades de leitura, a serem executados em classe, sob a batuta de um professor que via de regra desconhece a paternidade ilustre das atividades que desenvolve em suas aulas. Ensinar que um texto é épico ou lírico, que tal passagem ilustra o nacionalismo romântico, que tal outra representa o estilo telegráfico de Oswald de Andrade [...] são conteúdos escolares e derivam da circulação que, no contexto escolar, têm convenções e protocolos da leitura literária (2005, p.92).

Todas as teorias e práticas de leitura podem gerar o insucesso se o professor não for um leitor assíduo e cultivar o gosto pela leitura entre os seus alunos. Cabe ao professor possibilitar que a leitura cumpra o seu papel que é o de ampliar, pela leitura da palavra, a leitura do mundo, proporcionando-lhes na sequência a capacidade de escrever com eficácia, saber se expressar, refletir, discutir e opinar.

No Colégio Lindaura Ribeiro Lucas, em São José dos Pinhais, onde esse projeto foi desenvolvido, o IDEB observado em 2009 era 3,6, e em 2011 caiu para

3.1, e em 2013 foi de 3,0. Nota-se, portanto, um insucesso da prática de ensino-aprendizagem, necessitando reavaliar as falhas desse processo.

Para formar o aluno leitor, não bastam apenas os livros técnicos ou didáticos, é preciso permitir-lhes o acesso aos mais variados tipos de textos, informativos e literários, próximos a sua realidade. O gosto pela leitura é mais facilmente desenvolvido quando o leitor se familiariza com a obra e quando o professor realiza o trabalho a partir das expectativas dos alunos. Dessa forma, a partir dessa concepção, será apresentada a experiência desenvolvida no Colégio Lindaura Ribeiro Lucas, de São José dos Pinhais, a fim de verificar o quanto é necessário um bom planejamento, com intenção pedagógica clara, domínio dos pressupostos teóricos e a sistematização metodológica.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

A história da leitura é marcada por inúmeras tentativas de explicar as dinâmicas envolvidas em seu processo de efetivação. Estudos com viés filosófico, teológico, hermenêutico, histórico, sociológico ou literário lançaram luzes sobre as diversas possibilidades de interação entre leitores e textos.

Inserindo-se neste panorama, a Estética da Recepção é a teoria da literatura formulada por Hans Robert Jauss e seus colegas da Escola de Constança, no final da década de 60, que retoma a problemática da história da literatura. Jauss traz de volta a discussão por não compartilhar com a orientação da escola idealista ou da escola positivista para a construção de uma história literária, uma vez que ambas não realizam seus estudos embasados na convergência entre o aspecto histórico e o estético. A inexistência desse nexos resulta, portanto, em pesquisas que se preocupam apenas com as obras e seus autores, deixando de lado os leitores.

Jauss critica a teoria literária formalista que tem a concepção da obra literária como um todo autônomo e autossuficiente, com seus elementos organicamente relacionados, independente de dados históricos ou biográficos do autor, atribuindo a verdadeira significação a sua organização interna sem necessitar da referência a uma situação externa. Também critica a teoria literária marxista por ver a literatura

apenas como reflexo dos fenômenos sociais, o que implica emitir um juízo de valor de uma obra literária pautado somente na sua capacidade de representação da estrutura social, impossibilitando, a partir desse juízo, a definição de categorias estéticas.

Nas palavras de Jauss (2001, p.47) tratava-se:

Da oportunidade de uma nova teoria da literatura, exatamente não no ultrapassee da história, mas sim na compreensão ainda não esgotada da historicidade característica da arte e diferenciadora de sua compreensão. Urgia renovar os estudos literários e superar impasses da história positivista, os impasses da interpretação, que apenas servia a si mesma ou a uma metafísica da "écriture", e os impasses da literatura comparada, que tomava a comparação como um fim em si.

O objeto das pesquisas de Jauss é a história literária definida como um processo que envolve três esferas: o autor, a obra e o público. Trata-se de um processo dialético, no qual o movimento entre produção e recepção passa sempre pela comunicação literária. Daí o fato da noção de recepção, pois qualquer obra de arte literária só será efetivamente recriada ou "concretizada", quando o leitor a legitimar. Para ele um livro sem leitor não existe.

Com a mudança do foco de investigação para a recepção, o fato literário passa a ser descrito a partir da história das sucessivas leituras por que passam as obras, as quais se realizam de um modo diferenciado através dos tempos, por que:

a obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual.(JAUSS, 1994, p.23).

Tendo em mente a valorização do leitor, Jauss organiza sua teoria em sete teses que estabelece os fundamentos pelos quais a história da literatura poderia ser reescrita. Na primeira tese, diz que a obra literária tem caráter dialético e os fatos são resíduos desse processo. Sem leitores para reatualizar a obra, ela perde toda a ação, energia e existência. Segundo Jauss, "na medida o que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la". (JAUSS, 1994, p.26).

Na segunda tese, determina que a análise literária deve reconstruir o horizonte de expectativa ao indicar leitor e recepção como principal foco a ser



analisado. Jauss inverte o processo de análise da obra artística, normalmente feita através do autor e de sua produção. A leitura pode influenciar na produção de outras obras de uma forma crítica e criadora.

Na terceira tese, determina que entre o horizonte de expectativas do público e a experiência nova de uma obra se estabelece o valor artístico da obra de acordo com sua recepção.

Na quarta tese, Jauss propõe o conceito de fusão de horizontes. A própria consciência que interpreta um texto está envolvida num processo histórico que afeta o modo como esse texto é lido. “Só se pode compreender um texto quando se compreendeu a pergunta para qual ele constituiu uma resposta” (JAUSS, 1994 p.37).

Essas quatro teses iniciais dão sustentação à estética de Jauss. Para explicitar como se efetua uma história da literatura do ponto de vista da recepção, o autor propõe sua execução através de três formas conjuntas: a diacronia, a sincronia e a relação entre literatura e vida prática.

Na quinta tese, Jauss aborda a história literária baseada no critério recepcional que não é um processo linear, sequencial, de obras literárias, mas um conjunto aberto de possibilidades, já que sentidos novos podem ser vistos em textos antigos, o que permite um constante reavaliar de textos literários. Jauss explica que o valor de uma obra não é percebido no momento de sua recepção inicial, já que a distância estética entre o horizonte de expectativa da obra e o do público é muito grande e, talvez, seja necessário um longo processo de recepção para que a obra venha a ser compreendida. Zilberman (1989, p.37) atenta para o fato de que: “Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes, sua importância cresce ou diminui no tempo determinando a revisão de épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela no presente”.

A sexta tese fala sobre o processo diacrônico do projeto de Jauss. Segundo ele, a recepção consiste em uma relação dialógica entre autor, obra e leitor. A obra entra em fusão com o horizonte de expectativas do leitor, cujo conhecimento que já possui é evocado pela leitura, a qual vai propiciar um novo horizonte através da compreensão que o leitor vai ter, ampliando seu horizonte.

A contemplação puramente diacrônica (...) somente alcança a dimensão verdadeiramente histórica quando rompe o cânone morfológico, quando confronta a obra importante do ponto de vista da história das formas com os

exemplos historicamente falidos, convencionais, do gênero e, além disso, não deixa de considerar a relação dessa obra com o contexto literário no qual ela, ao lado de outros gêneros, teve de se impor. (JAUSS, 1994 p. 48)

Na sétima tese, ele volta-se para os efeitos da literatura na vida prática de seus receptores que é estabelecida pelo diálogo entre ambos os aspectos em busca da compreensão total da obra literária pelo público leitor, da qual emerge a estética da recepção. Segundo Zilberman (1989, p.38) pode assim ser vista: “A literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social”.

O que se destaca em praticamente todas as sete teses é a relação dialógica que se estabelece entre o público leitor e a obra literária.

[...] o processo de percepção da arte surge como um fim em si mesmo, tendo a perceptibilidade da forma como seu marco distintivo e o desvelamento do procedimento como o princípio para uma teoria que, renunciando conscientemente ao conhecimento histórico, transformou a crítica de arte num método racional e, ao fazê-lo, produziu feitos de qualidade científica duradoura. (JAUSS, 1994, p. 19,)

Para a estética da recepção, a experiência estética se concretiza quando a obra estabelece um processo de comunicação com o leitor, possibilitando uma identificação, fazendo com que haja uma interação entre leitor e texto.

### **3. MÉTODO RECEPCIONAL**

Utilizando-se dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, as professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, elaboraram um método de ensino de leitura de obras literárias: o Método Recepcional.

Segundo elas, esse método é estranho à escola brasileira, em que a preocupação com o ponto de vista do leitor não é parte da tradição. Os estudos literários nela tem se dedicado à exploração de textos e de sua contextualização espaço-temporal, num eixo positivista.

Se o historicismo positivista entende os fenômenos literários como determinados pelos fatos sociais numa relação de origem unilateral, em que a obra é sempre consequência e nunca causa, o conceito de historicidade da teoria recepcional é o de relação de sistemas de eventos comparados num aqui-e-agora específico: a obra é um cruzamento de apreensões que

se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada. (BORDINI E AGUIAR, 1993, p.81).

O Método Recepcional se preocupa, diretamente com o leitor, seus conhecimentos prévios e a constatação de seus horizontes de expectativas. Nota-se, então, que:

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munidos dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. (BORDINI; AGUIAR, 1993: 87)

Nesse método, os alunos partem de leituras de obras próximas de seus horizontes de expectativas para, gradativamente, ampliarem esses horizontes de expectativas por meio de diferentes tipos de textos literários com níveis estéticos diferenciados. Segundo elas, o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. São objetivos desse método em relação ao aluno:

- Efetuar leituras compreensivas e críticas.
- Ser receptivo a novos textos e a leitura de outrem.
- Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural.
- Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.

Para o desenvolvimento da técnica, Bordini e Aguiar (1993, p.83) afirmam que:

Deve ser observado o horizonte histórico do aluno, pois um texto pode diferir do horizonte que o leitor possui, surgindo assim a necessidade de se determinar os horizontes de expectativas. No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se.

Assim as autoras sugerem cinco etapas a serem desenvolvidas:

- 1) *Determinação do horizonte de expectativas*: o professor irá verificar os interesses dos alunos para prever suas ações para a ruptura e a transformação do horizonte de expectativas.
- 2) *Atendimento de expectativas*: o texto escolhido deve agradar os alunos e ao mesmo tempo estar de acordo com o nível de entendimento dos mesmos.
- 3) *Ruptura do horizonte de expectativas*: nesse momento serão introduzidos textos que tem em comum com o 1º quanto ao gênero, exposição da sequência de ideias ou uma oposição radical a tudo que o aluno já conhecia a respeito daquele tipo de texto.
- 4) *Questionamento do horizonte de expectativas*: serão comparados os dois momentos anteriores, os alunos avaliam o que já foi trabalhado decidindo quais textos exigiram um nível mais alto de compreensão.
- 5) *Ampliação do horizonte de expectativas*: Esta etapa é resultante da reflexão anterior feita pelos alunos. É quase que inteiramente da responsabilidade dos próprios alunos, uma vez que, são eles que devem ter consciência das mudanças que ocorreram no seu aprendizado sobre o ensino de literatura, comparando seus anseios iniciais e os de agora. No Método Recepcional, esta última etapa coincide com o início de uma nova aplicação do método, porém, com a grande vantagem de poder contar com a participação dos alunos desde o início do processo.

Verifica-se que o aluno leitor é o ponto principal do Método Recepcional. Seguindo-se as cinco etapas, os alunos terão seus horizontes de expectativas cada vez mais ampliados, fazendo com que seu conhecimento literário também aumente. Um método que se preocupe diretamente com os alunos/leitores é muito importante, principalmente, em um ensino precário como o da maioria das nossas escolas públicas.

Nesse método, o receptor deixa de ser considerado como simples destinatário passivo, para passar a atuar como agente ativo que participa na elaboração de sentido, na construção do significado do texto. O trabalho com livros próximos à realidade do aluno e que levantem questões significativas para ele vão familiarizá-lo com a obra, gerando assim, a predisposição para a leitura.

O Método Receptional é sugerido nas DCEs de Língua portuguesa para o trabalho com a literatura devido ao papel que atribui ao leitor que é visto como um sujeito ativo no processo da leitura, tendo voz em seu contexto. Esse método proporciona momentos de debate e reflexão sobre a obra lida, possibilitando ao aluno a ampliação dos seus horizontes de expectativas.

Segundo as DCEs as leituras oferecidas ao aluno e o trabalho efetuado a partir delas, possibilitam uma reflexão e uma tomada de consciência das mudanças e das aquisições, levando-o a uma ampliação de seus conhecimentos. Deve ser observado que o aluno é leitor e como leitor é ele quem atribui significado ao que lê.

#### **4. METODOLOGIA**

O projeto de Intervenção Pedagógica foi uma das atividades realizadas durante o Programa de Desenvolvimento Educacional em parceria com a IES – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, sendo orientada pela professora Doutora Alice Atsuko Matsuda. O programa foi desenvolvido em etapas: em 2013, foi elaborado o Projeto de Intervenção Pedagógica; em seguida, foi produzido material didático para ser implementado com os educandos. Após a implementação da intervenção pedagógica, aplicando o material didático elaborado, conclui-se o trabalho com a escrita deste artigo, última etapa do PDE, no qual se faz uma síntese das principais atividades desenvolvidas durante a implementação do projeto.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa de levantamento bibliográfico que permitiu o acesso a ideias de autores relacionados ao tema em questão. Por meio desta pesquisa, foi possível obter um conhecimento mais profundo sobre o tema.

O material didático aplicado foi elaborado a partir das cinco etapas do Método Receptional de leitura, sistematizado pelas autoras Bordini; Aguiar (1993) que teve como temática “o suspense e a aventura”, considerados adequados aos alunos do 9º ano, pelas próprias autoras.

A primeira etapa foi o momento da Determinação do horizonte de expectativas dos alunos. No início dessa etapa foi investigado o conhecimento dos alunos em relação ao suspense e aventura através de uma conversa entre professora e alunos, momento em que estes foram questionados sobre o significado

da palavra suspense e juntos fizemos um levantamento dos elementos existentes nesse gênero.

Para trabalhar a receptividade do tema pelos alunos, fiz um comentário sobre a definição de Lenda Urbana e suas características e utilizei dois vídeos de Lendas Urbanas retiradas do Youtube: “O guardião do cemitério” e “A loira do banheiro”. Depois de assistir aos vídeos, os alunos relataram outras lendas que conheciam e sugeri a eles fontes onde puderam fazer a leitura de outras lendas.

Em seguida começamos o trabalho com o conto “A noiva suicida”, do escritor Almir Correia. Fiz a motivação para a leitura através de um comentário sobre a biografia do autor e da análise da ilustração presente na capa do livro - *13 Contos de Medos e Arrepios* (ano) - de onde foi retirado o conto. Após a leitura do conto, comentamos sobre as características do gênero suspense, presentes no texto num debate informal. Também apresentei aos alunos na TV multimídia ilustrações de outros contos do escritor que fazem parte do mesmo livro. De acordo com as ilustrações que mais despertaram o interesse dos alunos, escolhi mais dois contos para fazer a leitura em sala, que foram: “O caixão fantástico” e “O carrinho de bebê macabro”. Os alunos gostaram dos textos, participaram da leitura, expondo suas ideias e fazendo a relação entre os textos e as ilustrações.

Na segunda etapa, Atendimento do horizonte de expectativas, trabalhei com o filme “As Bruxas de Salem”. Após assistirem ao filme, foi feita uma discussão a respeito dos elementos que criaram o suspense, como o nome dos personagens, espaços cênicos, cores, etc. Além disso, colocamos também em discussão questões abordadas pelo filme, como: a intolerância e o fanatismo religioso; a visão do homem daquela época, sem conhecimento científico dos fatos; a injustiça, a falta de caráter, de escrúpulos; a existência de feitiçaria. Os alunos foram motivados a refletir sobre essas questões e comparar com os acontecimentos atuais.

A partir da discussão pedi aos alunos para pesquisarem sobre o porquê desses comportamentos. Para isso sugeri as seguintes fontes para que pudessem ler sobre o assunto:

- <http://www.guia.heu.nom.br/feiticaria.htm>
- <http://www.sautulislam.com/index.php/artigos/edicao-n1-26/a-historia-da-feiticaria>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/bruxa>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/intoler%C3%A2nciareligiosa>

- <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/etica-e-intolerancia-o-fanatismo-religioso>
- <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade-do-ponto-de-vista-da-etica.htm>

A partir das leituras, organizamos um debate regrado. Para dar início à atividade, esclareci aos alunos que o debate é um gênero textual oral em que ocorre a discussão de um tema. Por meio de argumentos, os debatedores defendem seus pontos de vista. Os assuntos debatidos são geralmente controversos, polêmicos, isto é, geram discussão, contestação. Em seguida exibi o vídeo da Folha UOL que mostra a organização do debate realizado na internet com os candidatos à presidente nas eleições de 2010 no Brasil. Após, foram estabelecidas as regras para a realização do debate:

- Quatro alunos defenderam a existência da feitiçaria.
- Um aluno mediou o debate.
- Três alunos elaboraram três perguntas para os que defenderam a existência da feitiçaria.
- Três alunos elaboraram três perguntas para os que opuseram à existência da feitiçaria.

No 1º bloco foi dado cinco minutos para a apresentação das razões dos alunos que defenderam e opuseram à existência de feitiçaria. No segundo bloco, foi dado 30 segundos para as respostas às três perguntas elaboradas por alunos. No 3º bloco, os alunos que defenderam a existência de feitiçaria criaram três perguntas para os que eram contra e vice-versa (dois minutos para resposta, um minuto para réplica e 30 segundos para tréplica). No quarto bloco, a plateia pode fazer perguntas aos debatedores (um minuto para cada resposta).

Após a realização do debate fizemos a discussão das seguintes questões:

- Os debatedores souberam aprofundar a discussão do tema proposto?
- O papel do mediador foi importante?
- As regras preestabelecidas foram cumpridas?
- O nível de linguagem empregado foi formal?

Depois de analisado os itens, foi proposto aos alunos a produção de resenha crítica sobre o assunto debatido. Para isso trabalhei a diferença entre resenha

resumo e resenha crítica. Recolhi os textos produzidos e distribuí aos alunos novamente na aula seguinte para que fizessem as correções necessárias.

Na terceira etapa, Ruptura do horizonte de expectativas, foi a hora de introduzir textos que abalasse as certezas dos alunos e despertasse maiores exigências interpretativas, mas que mantivessem vínculos com as atividades anteriores. Para isso trabalhei com o conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles. Antes de distribuir o conto aos alunos, levei-os ao laboratório de informática para que, em duplas, pesquisassem sobre a vida e obra da escritora Lygia Fagundes Telles e selecionassem o conto que mais gostassem. Após feita a pesquisa, os alunos tiveram a oportunidade de ler o conto que escolheram para a turma. Alguns contos escolhidos foram: Então, Adeus?, Caçada e Natal na barca. Na aula seguinte, lemos o texto “As formigas”, passei algumas questões de interpretação que estão, em anexo. Aproveitando essa atividade, lembrei junto com os alunos as características do conto e expliquei os passos do mesmo dentro dos acontecimentos da história. Destaquei os elementos linguísticos que construíram o mistério no conto. Chamei a atenção dos alunos para os adjetivos usados nas descrições dos personagens e cenário, salientando os advérbios de modo e os períodos curtos, quase sempre orações coordenadas e os verbos no pretérito. Depois de lembrar os dois tipos de foco narrativo, propus que os alunos se juntassem a um colega e elaborassem oralmente outro desfecho para a história. Em seguida, as conclusões foram apresentadas para classe.

Na aula seguinte, trabalhamos com o conto “Venha ver o pôr do sol”, também da autora Lygia Fagundes Telles, comparando os elementos presentes nesse conto com o conto estudado anteriormente como foco narrativo, personagens e as descrições minuciosas que ajudaram a construir o suspense presente na história. Após a análise, propus aos alunos a seguinte situação de produção: “Imagine que houve uma testemunha para os acontecimentos narrados no conto. Escreva o depoimento dessa testemunha que deverá ser narrado em 1ª pessoa”.

Após a produção, corriji os textos e fiz um levantamento das inadequações de uso de concordância, regência, pontuação e acentuação presentes nos textos e trabalhei em sala nas aulas seguintes.

Na quarta etapa, Questionamento do horizonte de expectativas, foi feita a comparação entre as duas etapas anteriores por meio de uma conversa com os alunos. Para isso utilizei a música “Epitáfio”, dos Titãs, que fala da importância das



peças viverem o presente, aproveitando os pequenos prazeres que a vida nos proporciona e, por meio dessa interpretação, levei os alunos a refletirem e avaliarem os textos trabalhados nas etapas anteriores e a perceberem a relação entre eles já que é a partir do título da música que se percebe a referência à morte, pois a mesma foi composta em homenagem ao componente do grupo, Marcelo Folmer, vítima de atropelamento em 2001. Depois da conversa, montei um quadro para mostrar a diferença da estrutura das lendas urbanas e a do conto, mostrando a evolução dos mesmos quanto ao grau de dificuldade e compreensão em relação aos textos trabalhados.

Na quinta etapa: Ampliação do horizonte de expectativa, foi trabalhado com o livro *Descanse em paz ... meu amor*, escrito por Pedro Bandeira, em 1996 e *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, publicado em 1855.

Para introduzir a leitura do livro *Descanse em paz ... meu amor* - fiz uma simples e breve apresentação do autor e li o 1º capítulo em voz alta. Os alunos fizeram a leitura até o capítulo cinco como atividade extraclasse. Após essa leitura, fizemos uma parada para verificar e resolver problemas relacionados ao vocabulário e interação com o texto, evitando, assim, o abandono da leitura do livro. Para essa conversa, utilizei a música “Bala Perdida”, do Gabriel Pensador.

Após o término da leitura, discutimos a questão estrutural e o final inusitado do livro que para a maioria dos alunos não foi tão inusitado, pois, segundo eles, a medida que a narrativa ia fluindo, conseguiram prever o final da história. Após os comentários, os alunos compartilharam a interpretação e ampliaram os sentidos construídos individualmente, através da exposição de cartazes feitos por meio de recortes de figuras e desenhos a respeito da história lida.

Como propõe o Método Recepcional, as cinco etapas não finalizam o mesmo. A partir disso, propus a leitura do livro *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo. Comentei com os alunos que a estrutura desse livro é semelhante com o livro de Pedro Bandeira também dividido em capítulos e fiz o desafio para que trouxessem informações sobre o escritor Álvares de Azevedo.

Como o livro tem uma linguagem mais rebuscada, fiz a introdução à leitura, comentando sobre os personagens e as características de cada um, explicando as características da época presentes na narrativa.

Lemos o 1º capítulo que é uma espécie de introdução do livro, em sala, e os alunos foram divididos em seis grupos para fazer a leitura dos seis capítulos

restantes. Durante a leitura, tivemos alguns momentos de conversa para que eu pudesse auxiliar os alunos quanto ao vocabulário e a interpretação. Utilizei o conto “A máscara da morte escarlate”, de Edgar Allan Poe, a música “Canto para a minha morte”, de Raul Seixas, a música “Pé na cova”, de Mart’nalía” e o poema “Canção Póstuma”, de Cecília Meireles. Por meio da análise dos textos, discutimos as diferentes abordagens em relação à morte, fazendo as relações com o capítulo lido em questão e mostrando aos alunos que embora os textos abordem a mesma temática, têm estruturas diferentes.

O objetivo era que cada grupo fizesse uma apresentação criativa para expor suas conclusões para o restante da turma, mas essa parte não foi concluída devido à falta de tempo.

A aplicação da sequência didática foi válida, apesar de não ser concluída como a previsão inicial. Percebi que os alunos aprenderam bastante, principalmente, por terem oportunidade de ter contato com diferentes textos que giraram em torno do mesmo assunto, mas com estruturas diferentes, oferecendo subsídios para refletirem sobre o mundo e a condição humana, desenvolvendo suas ideias próprias, conceitos e valores, podendo, assim, tornarem-se leitores críticos e competentes como sugere o Método Recepcional.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo Saveli, a leitura deve ser produção de significados, interação entre leitor e autor que ultrapasse a simples decodificação que a escola, na maioria das vezes, não consegue promover. E isso ficou comprovado através do desenvolvimento do trabalho aqui exposto, por meio da aplicação do Método Recepcional. A escolha de textos relacionados ao universo dos alunos fez toda a diferença para que estes se envolvessem nas atividades, questionando e construindo significados, estabelecendo uma relação de desejo com os textos e os livros lidos, conseguindo contextualizá-los com a realidade, expressando sua opinião a respeito da ideia apresentada. Muitos alunos que apresentavam dificuldades de leitura conseguiram notar os elementos implícitos nas entrelinhas do texto. Pode-se dizer, portanto, que o projeto foi válido, não só em notas, mas, principalmente, no

aprendizado demonstrado pelos alunos e no trabalho com os três eixos do ensino da língua de forma dialogada e interativa: a leitura, a oralidade e a escrita.

O desempenho dos alunos nas atividades foi bom, debatendo, questionando e interagindo durante a realização das atividades propostas. Apesar de alguns fatores, como a greve dos professores do Estado do Paraná, contribuírem para que não fosse possível desenvolver plenamente todas as atividades previstas como as paradas e comentários relacionados ao livro *Noite na Taverna*, o resultado foi satisfatório.

No início, quando apresentei o projeto aos alunos, eles ficaram um pouco desconfiados e alguns até perguntaram se não íamos estudar “português”. Depois que começamos a desenvolver as atividades, fiz com que eles percebessem que o ensino de língua portuguesa é o estudo do discurso como prática social, de acordo com as DCEs; não é o ensino da gramática pela gramática, como estão acostumados a estudar. Pude notar através dos comentários de alguns alunos que eles gostaram bastante das atividades desenvolvidas. Como os comentários de uma aluna de 14 anos: “Professora, podia ter essas atividades diferentes sempre, a aula fica mais legal”.

Percebi que associar imagens e músicas ao livro de literatura que estava sendo lido foi bastante produtivo. Devido a essa atividade em que há a promoção de diálogo, interação e associação dos textos trabalhados, alguns alunos mais “desligados” conseguiram acompanhar a leitura e fazer as inferências necessárias para a compreensão da história. Pode-se afirmar que ocorre uma forma de “contágio” da discussão em que todos os alunos, de alguma forma, acabam interagindo.

Porém, é necessário ressaltar que a escolha do material foi feita durante seis meses, resultado de uma pesquisa com muita reflexão e dedicação exclusiva para isso, confirmando mais uma vez a necessidade de planejamento, intenção pedagógica e pesquisa. Uma das dificuldades para desenvolver um trabalho como esse com os alunos é a falta de material didático sobre essa teoria nas escolas. Há também a dificuldade de aquisição dos livros de literatura escolhidos. Apesar da escola receber verba que pode ser usada para adquirir livros mediante três orçamentos, eu adquiri 15 exemplares do livro *Descanse em paz meu amor...*, de Pedro Bandeira, por conta própria e fizemos a leitura em forma de rodízio. Já para a leitura do livro *Noite na taverna*, fizemos xerox dos capítulos, embora soubéssemos

da ilegalidade, visto que a leitura foi feita em grupo. No entanto, isso impossibilitou com que os alunos lessem a obra na sua totalidade.

Quando estamos em sala no dia a dia, com as atividades rotineiras que exigem todo o nosso tempo, parece ser mais difícil desenvolver uma sequência para ser trabalhada através do Método Recepcional, em todas as aulas e turmas, talvez, devido à condição de trabalho do professor, quanto ao tempo de dedicação de planejamento de suas aulas de forma eficaz. O Método Recepcional mostrou-se excelente para se desenvolver nos alunos o gosto e, principalmente, o interesse pela leitura, mas exige conhecimento tanto da teoria quanto da turma na qual ele irá ser aplicado. Para o método não fracassar, precisamos conhecer o gosto e o interesse da turma para fazermos a escolha dos textos que partam da realidade do aluno e dos livros que serão trabalhados. Também se faz necessário ressaltar a importância dos professores buscarem alternativas e inovarem em suas aulas para que haja aprendizagem de forma efetiva.

Sabemos que o processo de formação do leitor é contínuo, incessante e que depende de estímulos, principalmente, da escola e do professor. O gosto pela leitura é mais facilmente desenvolvido quando o professor realiza o trabalho a partir das expectativas do aluno. O Método Recepcional segue essa metodologia. Ele é trabalhoso, mas não impossível de ser aplicado. Há necessidade de dedicação do professor, conforme posto anteriormente, para despertar nos alunos o desejo e o interesse de ler por iniciativa própria, tornando-os leitores assíduos. Além disso, há necessidade também de muita vontade política, com políticas públicas eficazes que deem condições de trabalho ao professor de planejar a contento suas aulas, de se atualizarem continuamente e tenham recursos didáticos e obras de qualidade para pôr em prática projetos como esse.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAM, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AZEVEDO, Álvares. **Noite na Taverna**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BANDEIRA, Pedro. **Descanse em Paz meu amor**. São Paulo: Ática, 2011.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CORREA, Almir. **13 Contos de Medo e Arrepio**. São Paulo: Noovha América, 2013.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros Curriculares e Literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam**. São Paulo: Contexto, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2012.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. Estética da Recepção: Colocações gerais. In: Costa Lima, L. (Org.). **A Literatura e o Leitor**. Textos de Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, Regina; Ezequiel Theodoro da. (Orgs.). **Leitura-perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005.

MATSUDA, Alice Atsuko. Tecendo a aula de português. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. (Org.). **Educação Literária em foco: entre teorias e práticas**. Disponível em: <<http://www.faficp.br/dirposgrad/crelit/docs/eb-educliter.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PAIVA, Aparecida. et all. (Org.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG. 2003.

PARANÁ, **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação básica**. Curitiba, SEED, 2008.

SAVELI, Esmeria de Lourdes. **Leitura na escola: as representações e práticas de professoras**. Campinas, São Paulo. 2006. Disponível em <<http://ri.uepg.br:8080/bitstream/handle/123456789/4442teseEsmerialourdesSaveli.pdf?sequence=1>>. Acesso em 02 fev. 2013.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

\_\_\_\_\_. **A produção da leitura na escola pesquisa x proposta**. São Paulo: Ática, 2005.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, E.T. (Orgs.). **Leitura: Perspectivas disciplinares**. São Paulo: Ática, 2000.

Pesquisa Instituto Pró-Livro disponível em: <[www.redebrasil.com.br](http://www.redebrasil.com.br)>. Acesso em 25 abr. 2013

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da recepção. In; BONNICI Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria Literária** – abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2ª ed. ver e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Leitura no Brasil: sua história e suas instituições**. Disponível em <[www.unicamp.br/iel/memória/projeto/ensaios/ensaio32html](http://www.unicamp.br/iel/memória/projeto/ensaios/ensaio32html)>. Acesso em 02 abr. 2013.

# **ANEXOS**



Atividades de interpretação relacionadas ao conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles.

- 1- Todo conto é uma narrativa e como tal, apresenta personagens e enredo. Os fatos narrados numa história acontecem em determinado lugar e em determinado tempo.
  - a) Quais personagens aparecem no conto e qual é a relação entre elas?
  - b) Resuma em poucas linhas o enredo do conto.
  - c) Onde se passa a história e em que época?
- 2- Quais elementos do 1º parágrafo criam o clima de mistério e sobrenatural que predominam nesse conto?
- 3- O cenário é importante para o desenvolvimento do conflito na narrativa? Comente.
- 4- As descrições presentes nos parágrafos seguintes estimulam a imaginação do leitor. De que maneira essas descrições ajudam a construir o clima da narrativa?
- 5- Como o caixote de ossos contribui para o desenvolvimento da trama da narrativa?
- 6- Qual fato anuncia a complicação da narrativa e que efeito ele causa no leitor?
- 7- A trilha formada pelas formigas é comparada pela narradora personagem a um exército em marcha. A marcha das formigas introduz a marcha do sobrenatural no conto? Por quê?
- 8- Em que momento da narrativa surge as primeiras suspeitas de que alguma coisa estranha estava acontecendo naquele quarto?
- 9- Os dois últimos parágrafos apresentam o desfecho do conto.
  - a) O que leva as personagens a realizar as ações apressadamente no penúltimo parágrafo?